



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

GIRLENE AVELINO

**ORIENTAÇÃO SEXUAL E RELAÇÕES DE GÊNERO:
UM CAMINHO PARA A CONSCIENTIZAÇÃO**

CAJAZEIRAS - PB

2009

GIRLENE AVELINO

**ORIENTAÇÃO SEXUAL E RELAÇÕES DE GÊNERO:
UM CAMINHO PARA A CONSCIENTIZAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Professora Ma. Maria Janete de Lima.

CAJAZEIRAS - PB

2009



A948o Avelino, Girlene.
Orientação sexual e relações de gênero: um caminho para a conscientização / Girlene Avelino. - Cajazeiras, 2009. 51f. : il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia)Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, 2009.
Contém Bibliografia.
Não disponível em CD.

1. Educação sexual. 2. Sexualidade. 3. Relação de gênero. 4. Sexualidade de gênero. I. Lima, Maria Janete de. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título

CDU 37:613.88

GIRLENE AVELINO

ORIENTAÇÃO SEXUAL E RELAÇÕES DE GÊNERO: Um caminho para a conscientização

DATA DA APROVAÇÃO, 20 / 02 / 2009.

APROVADA POR:

Maria Janete de Lima

Ms. Maria Janete de Lima

(Orientadora)

CAJAZEIRAS – PB
2009

Neste instante, esteja você onde estiver, há uma casa com o seu nome. Você é o único proprietário, mas faz tempo que perdeu as chaves. Por isso, fica de fora, só vendo a fachada. Não chega a morar nela. Essa casa, teto que abriga suas mais recônditas e reprimidas lembranças é o seu corpo.

(Bertheratm 1977:11)

A Deus, ser supremo responsável pela minha existência; aos meus pais Geraldo e Maria; ao meu esposo Tico e a minha filha Giovanna, pessoas essenciais na realização desse grande sonho.

DEDICO

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAIBA

AGRADECIMENTOS

A Deus, que permitiu a realização desse sonho.

Aos meus pais, que me incentivaram e torceram muito por esse momento.

Ao meu esposo Tico, pela compreensão e força em todos os momentos que precisei.

À minha filha Giovanna, que tanto amo e que muitas vezes tive que me ausentar, mesmo com um vazio no coração em saber que sentiria minha falta.

À minha comadre Cibele e a minha amiga (irmã) Luana, por cuidar da minha filha durante minha ausência.

Aos meus irmãos, que sempre torceram por mim.

À professora Ms. Janete, pela colaboração e incentivo, através de sua competência na orientação da realização desse trabalho.

À Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Crispim Coelho, pela receptividade e acolhimento durante essa pesquisa.

A todos meus professores da Universidade Federal de Campina Grande, pelos conhecimentos compartilhados, que muito contribuíram na elaboração desse trabalho.

A todos que direto ou indiretamente contribuíram na realização desse sonho.

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 08 |
| CAPÍTULO I | |
| 1.1 Histórico sobre a sexualidade e as relações de gênero..... | 10 |
| 1.2 A sexualidade como tema transversal de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais..... | 17 |
| CAPÍTULO II | |
| 2.1 A relação da escola com a sexualidade e o gênero..... | 25 |
| 2.2 O papel do professor e a metodologia de ensino sobre a sexualidade e o gênero..... | 31 |
| CAPÍTULO III - PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DOS DADOS | |
| 3.1 Metodologia de pesquisa: Estudo de caso..... | 38 |
| 3.2 Caracterização da Escola..... | 39 |
| 3.3 Análise dos dados do questionário do gestor..... | 40 |
| 3.4 Análise dos dados do questionário do professor..... | 42 |
| 3.5 Análise dos dados do questionário dos alunos..... | 45 |
| 3.6 Análise do Estágio..... | 47 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 49 |
| REFERÊNCIAS | 51 |
| ANEXOS | 52 |

RESUMO

Esta monografia pretende abordar a necessidade de incluir a orientação sexual nos currículos escolares e apresentar as relações de gênero, enfatizando a questão do respeito a si mesmo e ao outro. Como sabemos, a sexualidade é algo inerente à vida de todo ser humano. Desta forma, percebemos a necessidade de se trabalhar o tema no campo educacional, tendo em vista, que os conhecimentos informais adquiridos no dia-a-dia pelos alunos das séries iniciais, ficam aquém do necessário para se formar uma opinião correta do que vem a ser realmente a sexualidade e principalmente sua relação ao prazer. A escola é considerada uma instituição onde todos têm liberdade de expressão. Sendo assim, este trabalho traz pontos fundamentais, os quais são abordados de forma clara e objetiva, para que a escola por sua vez, compreenda a necessidade de transmitir para os educandos informações que contribuam na sua formação integral. Sendo assim, através do diálogo existente no processo ensino-aprendizagem e da capacitação dos professores, é possível tentar quebrar os obstáculos e preconceitos ao se trabalhar a temática, assim como conscientizar os alunos da necessidade do respeito que se deve ter pelo próximo. .

Palavras-chave: Alunos. Escola. Formação. Gênero. Orientação sexual.

INTRODUÇÃO

Levando em consideração a presença da sexualidade desde a infância e sua grande importância no desenvolvimento e na vida psíquica de todo ser humano, assim como a existência das diferenças de gênero e o respeito que se deve ter pelo outro, decidimos realizar um estudo monográfico denominado "Orientação Sexual e Relações de Gênero: Um caminho para a conscientização".

A pesquisa foi realizada na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Crispim Coelho, localizada na Rua Romualdo Rolim, N° 186, no Bairro São Francisco, na cidade de Cajazeiras-PB. Visando colaborar com a formação integral das crianças, o presente trabalho tem como objetivo geral: Analisar como os professores trabalham a Orientação Sexual e as Relações de Gênero na escola citada. Assim como objetivos específicos: Mostrar os benefícios que esse trabalho traz para a formação das crianças; Conscientizar os alunos sobre as diferentes relações de gênero e Analisar o nível de conhecimentos dos alunos sobre o tema.

Incluir a discussão da sexualidade nos âmbitos escolares pode ser considerada uma necessidade extrema, pelo fato da escola ser considerada uma instituição responsável pela formação dos indivíduos e onde a sexualidade está presente em todas as faixas etárias. Sendo assim, a escola é considerada um espaço competente para tornar o tema um assunto que deve ser trabalhado frequentemente, visando amenizar os preconceitos e tabus ainda existentes e contribuir para que as crianças tenham consciência sobre o que é realmente a sexualidade e como ela deve ser encarada na vida de cada um.

A escolha do tema se deu pela dimensão e relevância que o mesmo tem na vida de qualquer ser humano e também pela carência de informações nas escolas. A pesquisa foi fundamentada teoricamente em leituras de livros de autores especializados na área e nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Sendo assim, a pesquisa foi elaborada objetivando mostrar meios que proporcionem a realização de um trabalho eficaz sobre a sexualidade no campo educacional.

Esse trabalho encontra-se dividido em três capítulos. O primeiro deles apresenta um breve histórico sobre a sexualidade e as relações de gênero, onde relata a forma

repressiva pela qual a sexualidade era vista na sociedade e enfatiza o preconceito contra a mulher desde o início da existência humana, mostrando também os avanços ocorridos nesses contextos. O primeiro capítulo ainda apresenta a importância da sexualidade nos currículos escolares, apresentando a sexualidade como tema transversal, baseado nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

O segundo capítulo aborda a relação da escola, do papel do professor e da metodologia de ensino sobre a sexualidade e as relações de gênero. Este, apresenta a contribuição que o âmbito escolar traz através da transmissão de informações para as crianças, visando conscientizá-las sobre a presença da sexualidade em suas vidas e tentando amenizar os preconceitos e tabus existentes. Apresenta também algumas idéias de como o professor deve trabalhar para obter sucesso na orientação sexual dos educandos.

O terceiro capítulo apresenta o percurso metodológico e a análise dos dados da pesquisa. Aborda a caracterização da escola escolhida, mostrando que o estudo de caso foi a metodologia escolhida e o questionário foi a técnica de investigação utilizada. Neste, foi analisado três questionários destinados a gestão, aos docentes e aos discentes do 5º ano do Ensino Fundamental da escola escolhida. Os questionários foram compostos de cinco questões objetivas sobre a sexualidade. Através deles foi possível compreender a importância dada ao tema pela escola e o baixo nível de conhecimentos dos alunos sobre a temática.

Esperamos que essa pesquisa possa contribuir com os estudos a serem realizados na área e possa justificar a importância da temática nos currículos escolares.

CAPÍTULO I

1.1 Histórico sobre a sexualidade e as relações de gênero

Durante a maior parte da história da humanidade, não era aceito o fato da sexualidade está presente em todas as fases da vida do ser humano. Em consequência disso, a sexualidade passou a ser vista de forma altamente repressora pela sociedade.

A sociedade brasileira no período colonial, de 1500 até a virada do século XIX, se dividia em senhores e escravos. As lutas pela propriedade e pela subsistência eram indissociáveis. Assim, o pai detinha o poder, prestígio que não podiam ser tocados, caso contrário afetaria a estrutura familiar.

Se o pai era o patrão, ele tinha que buscar uma fonte de renda para manter materialmente os filhos, onde sua educação era voltada não para serem servos da família, mas para servir e ter amor a humanidade. As técnicas para uma educação higiênica, orientavam a criação de hábitos, tendo por objetivo prevenir contra a masturbação, o uso de bebidas e de drogas. No pequeno universo escolar, a higiene idealiza um corpo adulto, de homens rijos que, desde crianças sendo acompanhadas por médicos, estariam aptos para oferecerem suas vidas ao país. Assim sendo:

... o colégio não era apenas o lugar de afastamento da família, ditando as normas de saúde e equilíbrio, mas também o lugar da manifestação político-econômico, por uma determinada classe social: a burguesia. Sua ética infiltrava-se na educação da criança travestida na forma de educação física, intelectual e moral. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p. 23)

Nessa perspectiva, dava-se o controle do sexo, assim como a masturbação era vista como isolada até o século XIX, passou a ser vista como um problema de grande proporção, normatizada pela medicina higienista. Ou seja, "... passou a representar um perigo para a saúde física, moral e intelectual dos jovens, fazendo com que os médicos exercessem controle sobre ela, na medida em que era tratado como crime e o masturbador, como culpado". (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p. 23).

No final do século XIX, a família e a escola passaram a exercer um papel importante na vida dos filhos. Nessa época, iniciou-se o trabalho de educação dos seus corpos, precisamente sobre o sexo.

Na sociedade medieval, o sexo tinha como objetivo a procriação, já na sociedade burguesa a sexualidade era idealizada com o objetivo de unir sexo, amor, matrimônio e procriação. Dessa forma:

...passou a ser tida como ilícita a sexualidade fora do casamento (amor livre, coito pré-conjugal ou extraconjugal); a sexualidade sem amor (prostituição, masturbação); ou a sexualidade sem procriação (homossexualidade, sexualidade infantil e sexualidade no climatério). (COSTA, apud CAMARGO & RIBEIRO, 1989, p.192).

Somente a partir da década de 70 se intensificou a questão da necessidade de incluir a temática da sexualidade no planejamento curricular das escolas, levando em consideração sua importância na formação integral do ser humano.

Já na década de 80, em consequência do alto índice de gravidez indesejada da adolescência e o risco da contaminação das Doenças Sexualmente Transmissíveis, a sexualidade se fortaleceu no sentido de alertar a área educacional, da necessidade de se trabalhar o tema nas escolas. Como diz os PCNS (2001, p.114):

Se a escola que se deseja deve ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário que ela reconheça que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem estar, que integra as diversas dimensões do ser humano envolvidas nesse aspecto. (PCNS, 2001, p.114)

Mesmo com o fortalecimento da sexualidade nas últimas décadas, sabemos que ainda há repressão, as crianças ainda são impedidas de falarem sobre seu corpo, suas inquietações, suas dúvidas na descoberta da sexualidade.

Cabe aos educadores contribuir no esclarecimento dessas questões e curiosidades das crianças e não continuar com a idéia de que a sexualidade deve ser oculta. Esse tabu deve ser urgentemente destruído, possibilitando as crianças informações e esclarecimentos necessários para a sua integral formação humana.

Com relação ao gênero, desde a Antiguidade o preconceito contra a mulher esteve presente. Segundo a pesquisadora Aline Rousselle, no seu livro 'Sexualidade e amor no mundo antigo', durante os séculos II e IV, acreditava-se que o ato de conceber uma criança poderia ser programado. Tinha-se a idéia de que o menino era proveniente do testículo direito do pai e se alojava na parte direita da mãe. Também aconselhava-se que as pessoas que quisessem procriar meninos, que amarrassem o testículo esquerdo para que somente o direito fornecesse espermatozoides e o inverso para procriar meninas. No entanto, para essa civilização, a gravidez de meninas causava na mãe, náuseas mais fortes, o aparecimento de estrias e dores mais fortes durante o parto.

Outro relato da autora, que marca o preconceito contra a mulher era que, no momento do parto da criança romana, sua sobrevivência estava condicionada a duas aprovações. A primeira tratava-se da avaliação da parteira que analisava o sexo, a intensidade do choro, a confirmação dos membros e orifícios, a qualidade da pele e as articulações. A segunda avaliação que determinava o futuro da criança era feita pela aceitação do pai, a criança poderia sobreviver, ser abandonada ou sacrificada. Quando era aceita pelo pai, o cordão umbilical era cortado com uma distância de no mínimo quatro dedos do feto. Se rejeitada, podia ser sacrificada com o corte do cordão bem próximo ao corpo da criança. Geralmente, as meninas eram sacrificadas ou abandonadas. As mães, por sua vez, não podiam interferir na decisão do pai, não tinham o direito de fazer nem dizer nada.

A história do gênero também está diretamente ligada ao movimento feminista contemporâneo, ainda nesse movimento, ele está implicado lingüística e politicamente em suas lutas. Ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, que podem ser observadas em diversos momentos da história.

Desde o fim da II Guerra Mundial, vem surgindo debates sobre essa temática, onde se questionava através de conferências a idéia dos direitos humanos, que deveriam estar no centro das preocupações mundiais.

Na virada do século XXI, as manifestações contra a discriminação feminina adquiriram uma visibilidade e uma expressividade maior no 'sufragismo', que significava um movimento voltado para entender o direito do voto às mulheres. "Com

uma amplitude inusitada, alastrando-se por vários países ocidentais (ainda que com força e resultados desiguais), o sufrágismo passou a ser reconhecido, posteriormente, como a 'primeira onda' do feminismo". (LOURO, 1997, p.15).

Seus principais objetivos estavam sem dúvida ligados ao interesse das mulheres brancas de classe média, e o alcance dessas metas foi seguido de uma certa acomodação no movimento.

No ano de 1994, ocorreu uma importante conferência, denominada Conferência de População e Desenvolvimento no Cairo, onde todos os países lutaram contra a discriminação da mulher, exigiram seus direitos, principalmente em se tratando da saúde sexual e reprodutiva. A partir desta, as mulheres tiveram suas vidas sexuais livres em se tratando de satisfação e escolha de ter filhos ou não, através do acesso a métodos contraceptivos. Com relação aos direitos reprodutivos, consistia na decisão dos casais, escolherem o espaçamento para terem outro filho e também no direito de ter uma melhor condição de saúde sexual, longe da discriminação e da violência.

Essa conferência também tratou as questões do fortalecimento (empowerment) da mulher e da igualdade nas relações de gênero. Segundo o Projeto Amor à Vida, do governo do Estado do Ceará (1997):

Empowerment é um meio de superar as desigualdades de gênero e de obter a igualdade entre homens e mulheres, sendo portanto uma das metas do novo paradigma do desenvolvimento social. Tem por objetivo eliminar todas as práticas discriminatórias contra a mulher e ajuda-la a estabelecer e exigir seus direitos, inclusive os relativos à saúde sexual e à VBV reprodução.(CEARÁ, 1997, p.15).

No ano de 1995, aconteceu em Beijing, capital da China, a IV Conferência Mundial da Mulher, nela o objetivo era conscientizar o mundo sobre igualdade, justiça e direitos humanos, levando em consideração as diferenças existentes entre os sexos.

É importante entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas, tivera como conseqüência a sua ampla invisibilidade como sujeito.

Percebemos que grande parte dos discursos sobre gênero, de algum modo incluem ou englobam as questões da sexualidade. Sendo assim, os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas.

Segundo Louro (1997):

Suas identidades sexuais se constituíram, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as. Por outro lado, os sujeitos também se identificam, social e historicamente, como masculinos ou femininos e assim constroem suas identidades de gênero. (LOURO, 1997, p. 26).

Ainda que a expressão 'diferença' possa adquirir diferentes significados em diferentes contextos sociais, políticos ou culturais, sua primeira referência está voltada para a distinção entre os gêneros. Louro (1997, p.45), diz que: "A diferença entre os gêneros serviu para explicar e justificar as mais variadas distinções entre mulheres e homens".

Várias teorias foram construídas e utilizadas para provar tais distinções físicas, psíquicas, entre outras. Os estudiosos ligados aos estudos lésbicos, estudos de etnia e de raça têm contribuído para a teorização e também para a proposição de práticas políticas e educativas atentas à diferença.

Suas contribuições vêm representando uma importante oxigenação dos Estudos Feministas, implodindo suas características iniciais de uma construção teórica marcadamente conduzida por mulheres brancas, heterossexuais, urbanas e de classe média. (LOURO, 1997, p.47).

Os estudos relacionados ao gênero devem ser contínuos, tendo em vista que não há como considerar determinado diagnóstico como sendo pronto e acabado. Os questionamentos e as problematizações deverão existir sempre, porque as diferenças também evoluem.

Como está impregnado na sociedade que a mulher é considerada um sexo frágil, nas escolas também não é diferente. No auge da globalização, ainda existe idéias errôneas, do tipo que o magistério é profissão para a mulher e não para o homem, essa afirmativa nos arremete a concepção de que a mulher é considerada mais sentimentalista do que o sexo oposto.

Sabemos que a história do gênero é marcada por preconceito e discriminação. O homem por muito tempo foi considerado superior a mulher, embora essa questão tenha perdido um pouco o seu significado, o preconceito contra a mulher ainda existe.

No decorrer dos anos, o preconceito com relação às professoras vão diminuindo e crescem os argumentos em favor da mulher. Os discursos que se constituem, pela construção da ordem e do progresso, pela modernização da sociedade, pela higienização da família e pela formação dos jovens cidadãos implicam na educação das mulheres.

As professoras do sexo feminino, foram apresentadas como meigas e carinhosas, e sempre fizeram a relação da profissão com o instinto materno. Com relação aos professores do sexo masculino, foram apresentados como “bondosos orientadores espirituais”, ou como “carrascos”, sendo considerados mestres sábios que poderiam servir de exemplo para a sociedade.

Todas essas concepções são conflitantes e tratam-se de estereótipos sobre os professores e as professoras, pois segundo as idéias apresentadas por Louro nos dois parágrafos anteriores, é cabível as professoras o cuidado e o apoio maternal para com as crianças. Quanto aos homens, as idéias estão associadas à autoridade e ao conhecimento.

Seguindo nessa problemática de diferenças entre os sexos, cabe ressaltar a questão da homossexualidade, que causa muita polêmica entre os professores e os alunos. A escolha da liberdade sexual, ainda está muito longe de ser aceita aos olhos de toda a sociedade. Essa idéia sexista que a sociedade carrega, existe porque não se tem o conhecimento sobre as mudanças que ocorrem na mente humana que faz com que ela tenha uma outra opção sexual e porque é limitado o respeito ao outro. Sobre a homossexualidade, Bock (2002), diz que:

Se por um lado, não sabemos claramente o que determina essa 'escolha'(...), não a percebemos como uma escolha consciente, na qual a criança opta por alternativas previamente conhecidas, por outro sabemos que não se trata de nenhum desvio comportamental ou doença adquirida, ou mesmo de disfunção neurológica. (BOCK, 2002, p.237).

Segundo a citação supracitada, entendemos que não se tem uma explicação concreta, trata-se de uma escolha como outra qualquer, podendo ocorrer na vida de qualquer indivíduo. O grande problema existente na homossexualidade é no que norteia a aceitação, ainda é um impacto para o meio social, porque na sociedade existe muita discriminação, onde só é aceita a relação considerada "correta", que é a formada entre sexos opostos.

O sexo em si é complicado e cheio de restrições, segundo a psicanálise só existe um meio de entender, é compreender que a energia sexual serve para nós utilizarmos para trabalhar conhecimentos, para unir as pessoas, entre outras atividades. E como vivemos em um mundo extremamente competitivo, acabamos por transferir toda a nossa energia sexual para o que estamos fazendo. Isso deixa claro que a sociedade quer formar cidadãos competentes, deixando de lado assuntos relevantes para a vida individual. Sendo assim, nada se fala sobre a sexualidade e a homossexualidade, tão presentes no nosso cotidiano.

Dá-se a partir disso, que quanto menos se debate sobre essa questão, mais formam-se conceitos distorcidos, tais conceitos são formados segundo uma visão ligeira sem aprofundamentos de idéias e questionamentos. Por isso, é preciso e fundamental conhecer bem sobre o assunto, para assim, se obter um diagnóstico preciso. Dessa forma, as pessoas ditas "diferentes", com certeza serão aceitas com igualdade.

Contudo, percebe-se que a construção do gênero é feita a partir da convicção e escolha de cada pessoa, então resta incluir todos de maneira igual na sociedade, tentando quebrar o tabu existente sobre a sexualidade das décadas anteriores.

Os grupos sociais crêem que seja a escola responsável por construir novas idéias, essa afirmativa vem desde a antiguidade, já que a sociedade capitalista somente preocupou-se e ainda repercute até os dias atuais, em reprimir a sexualidade, ou seja, não dar espaço para que ela ultrapasse os muros escolares e possa chegar ao âmbito familiar, por isso, não se tem entre as famílias educação sexual.

Antigamente a população ainda seguia as regras sobre sexualidade, mas o tempo passou e os pensamentos evoluíram de maneira muito acelerada, tanto que dissiparam-se os valores da castidade, de casar virgem, enfim, de ser íntimo de

cada um sem expor ninguém. Assim como, existia o medo de contrair alguma Doença Sexualmente Transmissível, o índice de tais contaminações eram bem menores que hoje, nessa época as famílias eram conservadores diferentemente das atuais.

Com isso, o argumento atual não é apenas a moral em si, mas a preocupação com as doenças é muito mais relevante e debatida. Se antes sexualidade era uma questão ética e moral, atualmente passou a ser uma questão de sobrevivência.

É muito importante voltar ao tempo para assim entender a sexualidade como um todo, percebe-se que há algumas décadas atrás falar de sexo era quase que impossível, hoje se tem uma abertura muito grande, mas não é explorado como deveria. Utilizaram-se muitos deboches à respeito e os preconceitos ainda são visíveis ao se falar sobre essa temática.

1.2 A sexualidade como tema transversal de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais

A sexualidade não é algo que desabrocha subitamente na adolescência quando a função reprodutiva se estabelece. É uma força-motriz, uma energia vital que impregna todo o organismo e toda a personalidade; força com a qual o indivíduo já nasce que se desenvolve, pouco a pouco, como qualquer outro aspecto desta realidade biopsicossocial, que é o ser humano. Negar a importância desse fato é querer limitar o ser humano, fazendo-o palco dos mais tristes conflitos.

A sexualidade exerce grande influência no desenvolvimento e na vida emocional das pessoas. Pois independentemente da capacidade reprodutiva do indivíduo, o sexo está relacionado a busca de prazer e a necessidade fisiológica do ser humano.

As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias desde o nascimento, passa por diferentes etapas do desenvolvimento até a morte. Ela é construída ao longo da vida através dos afetos e sentimentos, assim como a inteligência ela será construída a partir das possibilidades individuais de cada um por meio da interação com os outros e com o meio.

Cada sociedade cria conjuntos de regras que constituem parâmetros fundamentais para o comportamento sexual de cada indivíduos. Nesse sentido, a proposta de orientação Sexual considera a sexualidade nas suas dimensões biológicas, psíquicas e sociocultural, além de suas implicações políticas (PCNS, 2001, p.295).

Todo ensinamento que não se resume numa idéia limitada e simples, leva tempo. Fatos, atitudes e habilidades penetram no indivíduo muito devagar, devemos conviver com tais ocorrências para que se tornem verdadeiramente parte de nós. Se os pais dão aos seus filhos de três anos uma boa resposta sobre a procedência dos bebês, terão que dá a mesma boa resposta muitas vezes, aos cinco e aos seis anos, onde ele repetirá a mesma pergunta. Mesmo os adolescentes voltam a perguntar, encarando o assunto sob novos aspectos que decorrem da primeira resposta.

O senso de satisfação é crucial para aprender bem; o desgosto, o medo, a preocupação e a tensão são pedras no caminho tanto para adultos como para crianças. Enquanto que os sentimentos desagradáveis prejudicam o pensamento, a satisfação, o contentamento nos deixam à vontade, para pensarmos melhor e aprendermos melhor. Na educação sexual essas emoções perturbadoras ocorrem quando crianças pequenas são castigadas ou bruscamente interrompidas quando explorando seus corpos ou quando formulam perguntas sobre reprodução.

Infelizmente, a sexualidade tem sido ligada a noções de impureza, imoralidade e degradação, sendo que é a força bendita que move os seres, impelindo-os à vida, ao encontro do outro, à construção e a realização.

A sexualidade não está ligada unicamente ao âmbito individual, mas sim contextualizada socialmente e culturalmente, pois é no social onde define-se as relações de gênero , ou seja, o que homens e mulheres devem e podem fazer, e quais deverão ser os direitos de cidadania ligados à sexualidade e à reprodução. Os valores que se atribuem e aquilo que se valoriza são também produtos socioculturais. A exploração comercial, a propaganda e a mídia em geral têm abusado da sexualidade, impondo valores e tratando dessa questão como objeto de consumo. É importante ressaltar que:

Assim, como indicam inúmeras experiências pedagógicas, a abordagem da sexualidade no âmbito da educação precisa ser explícita", para que seja tratada de forma simples e direta; ampla, para não reduzir sua complexidade; flexível, para permitir o atendimento a conteúdos e situações diversas, é sistemática, para possibilitar uma aprendizagem e um desenvolvimento crescentes." (PCNS, 2001, p.127).

Hoje em dia, a sexualidade está muito banalizada, os próprios meios de comunicação estão estragando a essência do seu significado, não procuram transmitir de forma educativa para que haja no telespectador uma mudança de atitude. Por outro lado, trabalhar com esse tema exige o levantamento de muitas questões, pois se trata de uma temática associada a preconceitos, tabus, crenças ou valores singulares. É preciso que se tenha espaço para o debate desses questionamentos, para isso é necessário muito diálogo e reflexão a cerca desse assunto.

Também implica o tratamento de questões que geralmente não estão articuladas com as diversas áreas do currículo, por se tratar de questões singulares que necessita, de um tratamento específico.

As manifestações da sexualidade, diferentes em cada etapa do desenvolvimento, são um exemplo disso. Muitas vezes o professor encontrará aí exatamente oportunidade para desenvolver um trabalho extraprogramação. A sexualidade provoca nas crianças uma grande variedade de sentimentos, sensações, dúvidas, etc. Todas essas manifestações são objetos de trabalho do tema orientação sexual" (PCNS, 2001, p. 128-129).

É fundamental se trabalhar com orientação sexual guiados por suas formas, primeiro dentro da programação, por meio dos conteúdos já transversalizados nas diferentes áreas do currículo; a segunda é a extraprogramação quando surgir questões relacionadas ao tema tratado. Essa temática pode ser planejada com maior detalhamento, partindo do pressuposto a montagem do programa feita em cada turma.

Sendo assim, é responsabilidade do educador a organização dos temas, incluindo os tópicos essenciais que geralmente não são levantados pelos jovens e o estabelecimento e esclarecimento de regras necessárias para o trabalho que será executado. Sendo assim, "essas regras devem garantir a privacidade de cada um, o respeito às posições divergentes, a construção de um clima de grupo amistoso e acolhedor onde possa ocorrer o diálogo" (PCNS, 2001, p.130).

A descoberta da sexualidade infantil ocorre na realização de carícias no próprio corpo, na curiosidade sobre o corpo do outro, nas brincadeiras com colegas e principalmente acontece no âmbito escolar. É nessa hora onde a escola deve posicionar-se como uma instituição educacional, pois a escola tem o papel de esclarecer as dúvidas e curiosidades sobre a sexualidade, é importante que a escola contribua para que a criança compreenda as manifestações que faz parte da intimidade e privacidade.

... a sexualidade aparece no ser humano desde muito cedo, e que as suas primeiras manifestações não têm caráter genital, mas trata-se mais da organização do impulso da libido, que, mais tarde, será fundamental na busca do prazer sexual. (BOCK, 2002, p.234).

Quanto o que ocorre durante as aulas de educação sexual, é papel do educador ter a plena consciência de que não é relevante apenas comunicar os acontecimentos ocorridos, mas sim a escola estabelecer diretamente com os alunos os limites para o que pode ocorrer ou não. Vale ressaltar que o comunicado aos pais deve ser feito se estiver interferindo nas possibilidades de aprendizagem do aluno. Por isso, a contribuição do educador é muito importante por ter contato direto com as crianças. O maior objetivo do trabalho de Orientação Sexual é contribuir para que os alunos passem a desenvolver e exercer sua sexualidade com prazer e responsabilidade.

Esse tema vincula-se ao exercício da cidadania na medida em que, de um lado, se propõe a trabalhar o respeito por si e pelo outro, e, por outro lado, buscar garantir direitos básicos a todos, como a saúde, a informação e o conhecimento, elementos fundamentais para a formação de cidadãos responsáveis e conscientes de suas capacidades” (PCNS, 2001, p.133) .

Ainda de acordo com os PCNS, os temas devem ser muito bem organizados para que os alunos passem a ter capacidades para discernirem sobre diversos assuntos. Quanto aos conteúdos são diferentes para o primeiro e segundo ciclos. Para o primeiro ciclo os trabalhos indicam que as questões trazidas pelos alunos são ligadas a compreensão de informações sobre sexualidade. No segundo ciclo, as questões já serão mais complexas, levando os alunos à curiosidade, ou seja, devem surgir indagações sobre relacionamento sexual e as transformações visíveis no corpo, a chamada puberdade.

As curiosidades são altamente relevantes e proveitosas para o professor, assim como a ação reflexiva quanto aos preconceitos em relação aos comportamentos ligados as meninas e aos meninos.

Para esse trabalho ser realizado deve-se ter vários critérios de seleção, a vivência da sexualidade em cada indivíduo inclui fatores oriundos de ordens distintas, como o aprendizado, a descoberta e a invenção. Para se obter um bom êxito nesse trabalho deve-se nortear pelas questões que pertencem a ordem do que pode ser apreendido socialmente.

... preservando assim a vivência singular das infinitas possibilidades da sexualidade humana, e pelas pertinentes à ordem do que pode ser prazerosamente aprendido, descoberto e/ou inventado no espaço da privacidade de cada um" (PCNS, 2001, p.137).

Todos os critérios deverão ser selecionados não somente para passar informações teóricas, mas principalmente para passar aos indivíduos informações das quais causará neles mudanças de atitude. Dar-se, então, a grande importância de um projeto bem elaborado e estruturado pela escola e pelos professores das instituições de ensino.

Com a prescrição dos critérios, parte-se para os conteúdos que podem e devem ser flexíveis de maneira que abranja as necessidades específicas de cada turma a cada momento. Segundo, os PCNS (2001, p.138), os conteúdos são organizados em blocos, sempre visando os níveis dos alunos. Essa afirmativa quer dizer que, os conteúdos terão que ser selecionados de acordo com as necessidades dos alunos.

Tais blocos são definidos para os quatro ciclos do ensino fundamental, dos quais os conteúdos de cada bloco referem-se aos ciclos iniciais que já são transversalizados. Assim, compreende-se o tema de forma integral e favorece a reflexão, juntamente com a articulação do trabalho. Por isso, devem ser elaborados com a maior sutileza possível, por se tratar de uma educação para crianças.

Com relação a avaliação é considerado o estágio final desse trabalho, pois é nela onde se obtém os resultados, se os conteúdos foram bons ou ruins e as formas como foram trabalhados. Para isso existem alguns critérios que deverão ser usados sempre:

Conhecer as características e transformação de seu próprio corpo e do outro sexo; respeitar as diferenças na relação com as pessoas de ambos sexos; relacionar as diferentes formas de inserção social de homens e mulheres nas sociedades e grupos sociais estudados e na diferentes épocas e situações históricas; saber o que são doenças sexualmente transmissíveis/ AIDS e suas formas de prevenção”(PCNS, 2001, p.151).

Esses critérios de avaliação são essenciais para o trabalho com esse tema, uma vez que, é muito abrangente e importante para a formação de todo e qualquer ser humano. É através dos critérios estabelecidos que se torna possível detectar os níveis de aprendizagem de cada criança, embora sabe-se que umas sempre ganham mais destaque que outras, mesmo assim, se possível o educador terá que utilizar algum método ou metodologia para inserir todas as crianças nessa dialética, pois é um assunto que permanecerá com elas por toda a vida.

O tema sexualidade pode ser uma via de acesso para essa conquista, porque se um ser humano é capaz de defender a sua opinião, assumindo uma postura crítica, política e reflexiva, ele será capaz de ter uma vida sexual digna e contemplada.

Os educadores tem um papel importantíssimo nessa questão, por serem portadores de potencialidades, criatividade e sensibilidade em suas ações. O mundo passa informações a toda hora, nos influenciando a todo instante, isso quer dizer que, os educadores não podem se deixar guiar pelos “achismos”.

Tudo nesse mundo se relaciona, por isso, ao se trabalhar essa temática deve englobá-la a várias dimensões distintas, de forma que vá adquirindo espaço e invadindo fronteiras.

Quanto aos confrontos existentes ao se trabalhar o tema, cabe aos educadores saberem driblar as situações que vierem a aparecer. “ Se o confronto de opiniões permite às crianças e aos adolescentes inúmeras maneiras de pensar o mundo, estão sendo utilizadas para desencadear a temática da sexualidade humana”. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p.53).

O ensino da Educação Sexual é um direito, por se tratar de uma necessidade básica e uma questão pessoal de todo ser humano. Por isso há uma grande necessidade de incluir a temática nos currículos escolares. Sobre isso, Bock (1999) diz que:

A inclusão da disciplina Educação Sexual nos currículos escolares tem sido sistematicamente barrada por forças reacionárias, que não a consideram assunto de escola, ou acreditam que educação sexual se restrinja as informações da fisiologia e anatomia do corpo e do mecanismo da reprodução. (BOCK, 1999, p. 229)

Essa questão é preocupante, pois as informações transmitidas pela televisão e por outros meios informais, muitas das vezes podem ser compreendidas de forma inadequada. E tais informações devem ser transmitidas as crianças de maneira formal e sistematizada.

Com isso, o currículo passa a ser flexível e aberto, priorizando e contextualizando as diferentes realidades locais e regionais. Mas, para se obter esse resultado é necessário planejamento, organização multidisciplinar com o objetivo de ampliar as informações das crianças sobre a sexualidade, uma vez que, a orientação sexual é formada pelas dimensões biológica, psíquica e sociocultural.

Inserir educação sexual como tema transversal nas escolas não é apenas transmitir o seu significado, mas sim fazer alusão ao cuidado com o corpo, tratando da higiene e orientar sobre comportamentos e atitudes. Segundo os PCNS (2001):

...um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento... O trabalho de Orientação Sexual na escola é entendido como problematizar, levantar questionamentos e ampliar o leque de conhecimento e de opções para que o aluno, ele próprio, escolha seu caminho.(PCNS, 2001, p.121).

É evidente que essa atividade será bem sucedida, dependendo da competência do educador. O discurso no papel é muito belo, porém, na prática na maioria das vezes é muito diferente. O que é visível para a sociedade é que existem várias lacunas que impedem a execução desse trabalho, isso se dá por falta de estrutura adequada e até mesmo pela deficiência na formação profissional. Dessa forma, a educação se resume em transmitir apenas o essencial.

O diálogo sobre a sexualidade deve estar sempre presente, quanto mais se investiga, surge o aparecimento de novas descobertas. Sendo assim, é importante que a temática esteja sempre presente na sala de aula, por tratar de uma necessidade de todos os alunos.

Ao tratar de Temas Transversais, segundo Camargo & Ribeiro (1999):

... o educador e a educadora deverão considerar o universo de relações do meio social, que inclui civilização, mitos, costumes, sonhos, desejos sociais, ecológicos, de gênero, síntese de experiências vivenciadas. O objetivo é desenvolver capacidades que permitam intervir na realidade para transformá-la. A atividade humana é dinâmica e se configura nas e pelas diversas formas de interação social. A dinâmica da interlocução, o movimento interativo, o afetar a ser afetado instigam a abrir espaços para que isso ocorra no momento educativo. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p.49).

A transversalidade encontra-se em diversas áreas do conhecimento, o que significa dizer que está envolvida em toda a prática educativa. Cada área envolve a sexualidade por meio de sua proposta de trabalho, por isso exige muita disponibilidade por parte do professor.

O trabalho de Orientação Sexual exigirá também muita competência de todos os envolvidos na educação, pois esse conhecimento é necessário para todo ser humano. Sendo assim, se a escola não trabalhar sobre essa temática, causará um dano irreparável na formação das crianças. As críticas sempre existirão, mas o professor deve firmar-se nos objetivos propostos, para que as crianças possam assimilar o que está sendo compartilhado.

CAPÍTULO II

2.1 A relação da escola com a sexualidade e o gênero

A escola é considerada a segunda instituição social, onde a criança aprende valores para sua vida. Com essa certeza, dar-se a grande importância da presença da educação sexual na mesma. Louro (1997), afirma que:

...Essa presença da sexualidade independe da intenção manifesta ou dos discursos explícitos, da existência ou não de uma disciplina de "educação sexual", da inclusão ou não desses assuntos nos regimentos escolares. A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se "despir". (LOURO, 1997, p. 81).

Já para a autora Meyer (1998), a educação sexual é em primeiro lugar intelectual, pois preocupa-se com os conceitos e com a clareza de definições. Em segundo lugar é combativa, pois procura mostrar que é fundamental participar das lutas que se travam hoje, devido as transformações dos padrões de relacionamento sexual.

Com a concepção de educação formada, pode-se examinar a parte relacionada ao sexo. A educação é exatamente o processo de transformação das pessoas, por meio de um diálogo franco. Educar sexualmente é ensinar o jovem a usar o sexo dentro de uma perspectiva de amor, não de egoísmo.

A sexualidade é uma questão pessoal e privada, já a escola é um espaço social de formação, voltada para a vida coletiva. Também está ligada às decisões morais e religiosas.

Nessa perspectiva, a sexualidade se constitui em um aspecto importante de formação dos sujeitos e dos grupos, exigindo atenção no contexto das políticas e dos programas educacionais. De muitos modos e apoiados em diferentes perspectivas ideológicas ou teóricas, argumentos a favor e contra a utilização da escola como uma instância privilegiada para a 'educação' ou 'orientação' sexual confrontam-se. (MEYER, 1998, p. 87).

A escola como instância social, é um espaço sexualizado e generificado, pois nela estão presentes as concepções de gênero e sexuais que historicamente e socialmente constituem uma única sociedade. Contudo, sabemos que é na escola

onde os conceitos e valores serão transmitidos para os educandos, sendo que não deve existir preconceito nas formas de transmissão dos conteúdos.

De acordo com Meyer (1998):

A instituição, por outro lado, é uma ativa constituidora de identidades de gênero e sexuais(...) a escola (em seu espaço físico, em seus regulamentos, currículos, normas, programas, em suas práticas, nas falas, atitudes e gestos das pessoas que ali convivem), é atravessada pelas concepções de masculinidade e feminilidade, pelas formas de sexualidade de uma dada sociedade. (MEYER, 1998, p. 88).

O que determina o sexo masculino ou feminino, não é o sexo propriamente dito, nem as características sexuais, mas sim tudo que associa-se aos sexos, a forma como representa determinadas características, comportamentos, entre outros. É isso que determina um grupo social que se entende por gênero, podendo ser compreendido como uma construção social.

Não resta dúvida de que a sexualidade se relaciona com componentes 'naturais' das pessoas(...), mas ela se relaciona também, e de forma talvez mais intensa, com rituais, palavras, fantasias, normas, enfim, com componentes culturais e sociais que um determinado grupo compartilha.(MEYER, 1998, p.88).

A sexualidade tem uma ligação direta com os desejos e os prazeres, assim como há o envolvimento com a cultura e com a sociedade, por isso, a escola deve esclarecer os assuntos relacionados a sexualidade, pois é nela onde se constitui as identidades de gênero e identidades sexuais.

A escola não deve passar para a criança, apenas a idéia de que existe uma única forma de sexualidade, considerada 'normal', que é a união de um homem e uma mulher, após a realização do casamento. Sobre isso, Meyer (1998), diz que:

A heterossexualidade é considerada não apenas normal, mas natural; ela é compreendida como a 'verdadeira' forma de manifestação do desejo sexual entre as pessoas normais e sadias. Há um processo de naturalização de uma única forma de sexualidade, rejeitando a idéia de todas as formas são socialmente produzidas. (MEYER, 1998, p.92).

A diversidade sexual existe e também deve ser encarada com naturalidade, pois trata-se da opção de cada pessoa. Por se tratar da individualidade de cada indivíduo, sua escolha sexual deve ser aceita e respeitada. Nessa perspectiva, aparece a homofobia, que pode ser conceituada como o medo do preconceito à

identidade homossexual. Meyer (1998, p.93), conceitua a homofobia como: "Sentimento que faz com que muitas pessoas(...), prefiram não se envolver na discussão dessas questões, ou, mais especialmente, evitem demonstrar qualquer atividade simpática à homossexualidade".

Nessa questão, aparece a indiferença até mesmo dos professores, pois não demonstram simpatia por ter receio de provocar uma interpretação nos alunos como se estivesse induzindo seus alunos a contemplarem a homossexualidade.

No decorrer do desenvolvimento da criança, há influências do meio social e cultural em que é educada, com isso: "...à sua condição de 'ser sexuado' e geneticamente feminino ou masculino, passam a ser somadas uma série de predeterminações externas que são independentes das prévias definições biológicas". (MEYER, 1998, p.100)

Assim sendo, o convívio com a família influencia na identidade sexual da criança, ou seja, são transmitidos conhecimentos informais através de ensinamentos sobre o que é ser menino e o que é ser menina.

A escola desempenha um importante papel na transmissão formal dos conhecimentos relacionados a sexualidade. Assim a criança é educada sexualmente através da experiência de participar de determinados grupos. Tudo vai depender da forma como as informações estão sendo passadas para os indivíduos. É por meio da assimilação dos conteúdos informados que se internaliza comportamentos sociais próprios do sexo, passando a assumir sua identidade sexual.

A escola impõe limites assim como toda instituição, dita as regras, estabelecendo o que pode e o que não pode ser feito. O próprio prédio escolar determina e revela sua existência, através dos símbolos e arranjos, que simbolizam um ambiente de aprendizado e respeito.

Os sentidos precisam estar afiados para que sejamos capazes de ver, ouvir, sentir, as múltiplas formas de constituição dos sujeitos implicadas na concepção, na organização e no fazer cotidiano escolar. O olhar precisa enquadrilhar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas, é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios... (LOURO, 1997, p.59).

Desde o início da existência humana, que existem padrões e comportamentos diferenciados para homens e mulheres. A concepção de gênero está ligado ao conjunto das representações sociais e culturais construídas a partir da diferença biológica dos sexos. O sexo diz respeito ao atributo anatômico, já no conceito de gênero toma-se o desenvolvimento das noções de 'masculino' e 'feminino', como construção social. Essa diferença historicamente, privilegia os homens, na medida em que não são oferecidas condições iguais na sociedade. As diferenças no comportamento de homens e mulheres, ganha repercussão na vivência da sexualidade de cada um em suas relações humanas.

A discussão sobre relações de gênero tem como objetivo combater relações autoritárias, questionar a rigidez dos padrões de conduta estabelecidos para homens e mulheres e apontar para sua transformação. A flexibilização dos padrões visa permitir a expressão de potencialidades existentes em cada ser humano que são dificultadas pelos estereótipos de gênero. (PCNS, 2001, p.144) .

Ainda segundo o estudo dos PCNS (2001), ao se falar em diferença, não se deve em nenhum momento aprisionar em padrões preestabelecidos, mas sim devem e podem ser vivenciados a partir da posição de cada um. Quando se observa o comportamento do primeiro ciclo é normal a dificuldade no relacionamento entre meninos e meninas, devendo ser um momento respeitado. Essa questão trata-se de um movimento que se relaciona com a construção da identidade de cada criança, pois primeiramente é fundamental firmar-se como menino ou como menina, a partir das semelhanças e afinidades de interesse típicos da idade e do sexo.

Já na puberdade há maior entrosamento e atração entre os sexos opostos, e geralmente esse entrosamento não se dá sem que haja conflitos, medos e até mesmo agressões de diferentes proporções. Em alguns casos deve ter a intervenção do educador, e dependendo de cada um pode propor um trabalho em conjunto com estratégias e metas traçadas para que haja aproximação entre eles.

...relações de gênero com as crianças dessas faixas etárias, convém esclarecer, é uma tarefa delicada. A rigor, pode-se trabalhar as relações de gênero em qualquer situação do convívio escolar(...). Também estão presentes nas demais brincadeiras, no modo de realizar as tarefas escolares, na organização do material de estudo, enfim, nos comportamentos diferenciados de meninos e meninas. (PCN, 2001, p.145).

A escola deve ter o máximo de cuidado ao transmitir informações sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis, isso porque, trata-se de um assunto muito delicado e minucioso, principalmente por tratar de ensino para criança.

De acordo com os PCNS (2001):

As informações sobre as doenças devem ter sempre como foco a promoção de condutas preventivas, enfatizando-se a distinção entre as formas de contato que propiciam risco de contágio daqueles que, na vida cotidiana, não envolvem risco algum. (PCNS, 2001, p.147).

A oferta por parte da escola de um espaço em que as crianças passam a esclarecer suas dúvidas e continuar formulando novas questões, contribui para o alívio das ansiedades que muitas vezes interferem no aprendizado dos conteúdos escolares.

Ao trabalhar com Orientação Sexual como uma de suas competências, a escola o incluirá no seu projeto educativo, e isso requer uma definição clara e uma explicação para toda a comunidade escolar envolvida no processo educativo dos alunos. Educar para o completo desenvolvimento da sexualidade da criança é o mesmo que educar para a própria vida. A masculinidade ou feminilidade serão formadas, naturalmente e por completo, se a criança tiver uma educação sexual adequada. Muitas vezes a escola precisa assumir papel de destaque nessa formação. Os professores, freqüentemente, funcionam como antes complementares da educação sexual dos alunos. Mesmo que esta não constitua matéria de currículo, será sempre uma constante na escola por causa das perguntas costumeiras e das atitudes sexuais que fatalmente aparecem entre os alunos. Sobre essa questão, Camargo & Ribeiro (1999), afirmam que:

Hoje, a discussão da necessidade da Educação Sexual na escola deveria estar superada, uma vez que as conseqüências da ausência de informações sobre a sexualidade podem ser claramente sentidas em nossa sociedade, em que a liberdade de expressão é exercida quase na sua totalidade e a sexualidade mostrada na televisão e em folhetins de forma fragmentada e frequentemente deturpada. Assim, é inconcebível que o tema não seja tratado de forma sistemática, consciente e responsável na escola. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p. 40)

O equilíbrio emocional e a tranqüilidade são muito importantes quando surgem questões sexuais em classe. Um professor que chama a atenção do aluno de

maneira severa, só porque ele disse um “palavrão”, não está contribuindo para a educação sexual. As brincadeiras, desenhos pornográficos, gracejos, palavrões podem ser a manifestação de uma necessidade de se afirmar na sexualidade que está em desenvolvimento. E as atitudes rígidas em relação às manifestações desse tipo são extremamente prejudiciais para a criança de qualquer idade. A naturalidade com que as crianças encaram o sexo deve ser aproveitada para que a atitude dos pais e professores seja também natural. Cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a construir em ponto de auto-referência por meio da reflexão.

O trabalho de Orientação Sexual na escola se faz problematizado, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho. A Orientação Sexual proposta não deve ser diretiva e está circunscrita ao âmbito pedagógico e coletivo, não tendo, portanto, caráter de aconselhamento individual, nem psicoterapêutico. Tal postura deve, inclusive, auxiliar as crianças e os jovens a discriminar o que pode e deve ser compartilhado no grupo e o que deve ser mantido como vivência pessoal. Apenas os alunos que, por questões pessoais, demandem atenção e intervenção individuais, devem ser atendidos separadamente do grupo pelo professor ou orientador na escola e poderá ser discutido um possível encaminhamento para atendimento especializado.

Nesse sentido, o trabalho realizado pela escola, denominado aqui Orientação Sexual, não substitui nem concorre com a função da família, mas a complementa. A escola deve ter bastante cuidado para não se prender meramente na exposição sobre o que é sexualidade, mas sim transmitir conhecimentos importantes para que os educandos saibam utilizar na sua vida.

Relacionar a escola com a sexualidade e com o gênero requer um trabalho coletivo, ou seja, envolve todos os membros da instituição, tendo em vista que o aluno interage com todos e o trabalho refletirá dentro e fora da escola. A escola deve explorar bastante essa relação para que obtenha êxito no aprendizado dos alunos.

Experiências bem sucedidas com Orientação Sexual em escolas que realizam esse trabalho apontam para alguns resultados importantes: aumento do rendimento

escolar e aumento da solidariedade e do respeito entre os alunos. Quanto às crianças menores, os professores relatam que informações corretas ajudam a diminuir a angústia e a agitação em sala de aula. No caso dos adolescentes, as manifestações da sexualidade tendem a deixar de ser fonte de agressão, provocação, medo e angústia, para tornar-se assunto de reflexão.

Isso configura uma nova realidade que exige, por parte dos educadores, uma retificação dos valores. Continuar negando essa verdade é fugir de discutir o assunto abertamente com os jovens, e de ajuda-los com a compreensão e o apoio, relegando-os a um perigoso abandono, é arriscar-se a surpresas desagradáveis, em todos os aspectos de vida, nos cabe ensinar ao jovem a agir com responsabilidade (TELES, 2001, p.136).

A escola é considerada uma instituição de transformação social e tem o poder de provocar mudanças e conscientização nas pessoas, por meio da transmissão de conhecimentos, que o aluno carregará por toda sua vida. Sendo assim, "...o trabalho de Orientação Sexual visa desvincular a sexualidade dos tabus e preconceitos, afirmando-a como algo ligado ao prazer e à vida". (PCNS, 2001, p.147).

2.2 O papel do professor e a metodologia de ensino sobre a sexualidade e o gênero

É importante que os educadores reconheçam como legítimas e lícitas, por parte das crianças e dos jovens, a busca do prazer e as curiosidades manifestadas acerca da sexualidade, uma vez que, fazem parte de seu processo de desenvolvimento.

A escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus, preconceitos, crenças e atitudes existentes na sociedade, buscando não a isenção total, o que é impossível, mas um maior distanciamento das opiniões e aspectos pessoais dos professores para empreender essa tarefa. A emissão da opinião pessoal do professor na sala de aula pode ocupar o espaço dos questionamentos, incertezas e ambivalências necessários à construção de opinião do próprio aluno. Os professores (e as demais pessoas), mesmo sem perceber, transmitem valores com relação a sexualidade no seu trabalho cotidiano, inclusive na forma de responder ou não as questões mais simples trazidas pelos alunos. Por exemplo, se um professor disser que uma relação sexual é apenas a que acontece entre um homem e uma mulher

após o casamento para ter filhos, estará afirmando valores específicos: sexo heterossexual após o casamento com o objetivo de procriação.

Segundo Camargo & Ribeiro (1999), ao se tratar do tema da sexualidade, o professor deve ter a consciência que trata-se de um:

Tema difícil, carregado de preconceitos e tabus e, por isso mesmo, na grande maioria das vezes, omitido ou tratado de maneira bastante inadequada na escola e na família, mas ao mesmo tempo tão belo e tão íntimo que, talvez, por esse motivo, seja tão difícil demarcar o quê, quando, onde e como conversar sobre ele. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p.14).

A postura dos educadores precisa refletir os valores democráticos e pluralistas propostos e os objetivos gerais a serem alcançados. Em relação às questões de gênero, os professores devem transmitir, por sua conduta, a valorização da equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um individualmente. Ao orientar todas as discussões, eles próprios respeitam a opinião de cada aluno e, ao mesmo tempo, garantem respeito e a participação de todos, explicitando os preconceitos e trabalhando pela não discriminação das pessoas. Para a construção dessa postura ética, o trabalho coletivo da equipe escolar, definindo princípios educativos, em muito ajudará cada professor em particular nessa tarefa.

Nesse trabalho, é imprescindível que o professor saiba que:

...É urgente compreender o porquê da dificuldade de lidar com o tema e partir para o diálogo em profundidade com ele. É fundamental desencadear o ato de conhecer como o entendimento da razão das coisas e compreender que meio ambiente não é apenas o entorno físico, mas o cruzamento de aspectos sociais, econômicos e políticos. Propor as crianças compreensão da natureza, da reprodução também envolve uma dimensão que, ao estar presente, suscita a construção de saberes diversos. Isso só seria possível se a capacidade criadora desses professores e professoras não estivesse bloqueada pelo tabu que envolve o tema. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p.128)

Os professores também precisam estar atentos à diferentes formas de expressão dos alunos. Muitas vezes a repetição de brincadeiras, paródias de músicas ou apelidos alusivos à sexualidade podem significar uma necessidade não verbalizada de discussão e de compreensão de algum tema. Deve-se então satisfazer a essa necessidade.

Na sociedade moderna que supervaloriza a produção, a eficiência e a racionalidade, a saúde e a doença são vistas como conceitos estanques: um é a ausência da outra. O homem, a sociedade e a natureza são percebidos de maneira estática, sem levar em conta o fato de que as doenças variam segundo as épocas, como também, o próprio conceito de saúde.

A educação da saúde aparece com o predomínio do autocuidado, os indivíduos devem aprender a cuidar de si e aprenderem a ser vigilantes de suas próprias atitudes. Qualquer dano provocado de fora pode ser contornado por uma atitude pessoal (MEYER, 1998, p. 41)

Pode, também, ocorrer o contrário. Não haver doença física e a pessoa estar doente. Com base no que foi exposto, a questão é, como a sala de aula pode constituir em um espaço potencializador do ser saudável.

Para muitas pessoas, escola e sexualidade tratam-se de duas instâncias distintas e absolutamente separadas. Entendendo a sexualidade como uma questão pessoal e privada, e a escola como um espaço social de formação, voltado para a vida coletiva, entendem que cabe unicamente à família se ocupar da educação sexual das crianças e jovens.

“A sexualidade seria um campo fortemente atravessado por decisões morais e religiosas, e a escola deveria se afastar, na medida do possível das polêmicas e dos conflitos” (MEYER, 1998, p. 87)

O professor desempenha um papel imprescindível no processo educacional do aluno, principalmente em se tratando da sexualidade. Deve assumir uma postura como mediador da aprendizagem, pode intervir de modo a combater as discriminações e questionar os estereótipos associados ao gênero. Os momentos e as situações em que se faz necessária essa intervenção são os que implicam discriminação de um aluno em determinado grupo.

É cabível ao educador, sinalizar a rigidez das regras existentes nesse contexto, onde se define o que é ser menino ou menina, apontando para a imensa diversidade de personalidades. Assim como, transmitir que se deve respeitar as diferenças de cada um. Essa convivência, mesmo que ocorra conflitos, facilita as relações, favorecendo as oportunidades concretas para os questionamentos associados ao gênero. O

educador deve reconhecer como legítima, por parte das crianças, a busca do prazer e as curiosidades manifestadas sobre a sexualidade.

O professor transmite valores com relação à sexualidade no seu trabalho cotidiano, na forma de responder ou não as questões mais simples trazidas pelos alunos. É necessário então que o educador tenha acesso à formação específica para trabalhar de sexualidade com crianças e jovens na escola, possibilitando a construção de uma postura profissional e consciente no trato desse tema. (PCNS, 2001, p.123).

A preparação é muito importante, para que assim, se possa intervir na prática junto com os alunos e ter acesso a um espaço grupal de supervisão dessa prática, ou seja, um espaço de reflexão sobre valores e preconceitos dos próprios educadores envolvidos no trabalho.

O trabalho que compete é conduzir o processo de reflexão que possibilitará as crianças, autonomia para eleger seus valores, tomar posições, ampliando seu universo de conhecimento. Além disso, deve-se ter discernimento para não transmitir seus valores, crenças e opiniões como sendo princípios ou verdades. Tanto o educador como o aluno, possui expressão própria de sua sexualidade. Assim como diz os PCNS (2001):

Para um bom trabalho de Orientação Sexual, é necessário que se estabeleça uma relação de confiança entre alunos e professor. (...) o professor deve se mostrar disponível para conversar a respeito das questões apresentadas, não emitir juízo de valor sobre as colocações feitas pelos alunos e responder às perguntas de forma direta e esclarecedora. (PCNS, 2001, p. 124).

No decorrer desse trajeto, o professor deve trabalhar visando que os valores propostos possam vigorarem com base nos objetivos apontados. Quanto ao gênero, o professor deve e pode transmitir, a equidade entre os gêneros e a dignidade de cada um. Segundo Camargo & Ribeiro (1999, p.80): "Os elementos para um trabalho de Orientação Sexual contemplam atividades específicas, intencionalmente elaboradas, com metodologias participativas, transversais e sistemáticas que facilitam o desenvolvimento de processos pessoais".

Sobre essa mesma questão, Camargo & Ribeiro (1999), ainda diz que:

... o educador e a educadora que utilizam metodologia participativa para fazer emergir esses temas sabem que penetram em instâncias muito particulares e singulares tanto deles próprios quanto das crianças. As variadas formas de representação (desenho, construção de histórias, músicas, poemas, teatro) possibilitam e facilitam a expressão dos saberes infantis. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p. 80).

Ao discutir essa temática na escola, é fundamental uma postura ético-política por parte do educador, buscando sempre o envolvimento comprometido de toda a equipe da escola. Cabe ajudar a criança a desenvolver uma consciência de sua própria capacidade, enquanto pretende realizar uma determinada tarefa. Camargo & Ribeiro (1999, p.90), diz que: "A criança tem o mundo inteiro para descobrir, perceber, cheirar, apalpar, ouvir, ver, usando o seu corpo. Dessa maneira sempre mostra uma curiosidade por satisfazer. E o corpo é a matriz da sexualidade..."

Nessa perspectiva, o papel dos profissionais da educação é visualizar novas fontes de relação, ou seja, valorizar sentimentos e atitudes como justiça, lealdade, honestidade, entre outros. A sexualidade humana abrange sentimentos e relacionamentos, aprendizados, reflexões, planejamento, valores morais e tomadas de decisões. O professor deve trabalhar com a constituição do corpo sexuado, assim requer que a criança elabore a representação dos distintos aspectos da sociedade, essa questão trata-se de um processo gradativo, dinâmico, onde as crianças terão possibilidades de diferenciarem saberes complexos, bem como relacionarem.

Para que aconteça esse desenvolvimento, deve-se utilizar inúmeras e variadas formas de texto, que permitam a criança efetivar o diálogo. Elas tem o direito de contar com o espaço necessário para criar sentimentos, de escolher como se comunicar, o que poderá dizer, isso significa, a capacidade da criança impor limites sobre sua intimidade.

Para se transmitir assuntos relacionados a Educação Sexual é importante que o professor tenha adquirido durante sua formação, conhecimentos necessários para se obter um bom resultado nesse trabalho. No entanto, o que temos durante os cursos de formação de professores é um grande déficit sobre o tema. A respeito disso, Camargo e Ribeiro (1999), diz que:

Os currículos dos cursos de formação de professores e professoras deveriam conter falas e vivências sobre a sexualidade humana, despertando as possibilidades do corpo e das emoções. Conhecer a sexualidade não significa aprender a estrutura dos genitais. Educação Sexual centrada na genitalidade advém de uma educação que disciplina, organiza e concentra o prazer nos genitais; assim procedendo anestesia o resto do corpo. (CAMARGO & RIBEIRO, 1999, p.50).

Com base nisso, é necessário que o professor busque por conta própria conhecimentos necessários, que servirão tanto para os receptores como para ele próprio. O importante nesse processo é o compromisso e a identificação com a profissão, que traz a consciência da necessidade de buscar novos conhecimentos.

Segundo Café (1996, p.18): “Se realizarmos adequadamente esse processo em nossa consciência, nos transformaremos em adultos cuja segurança estará sempre ancorada em valores internos e perenes...”.

A temática da sexualidade ainda carrega muitos preconceitos e tabus. O trabalho do professor torna-se difícil quando há questionamentos não esperados pelo mesmo. A Revista Nova Escola (2006, p.22), traz uma indagação interessante: “Professora, por que a minha xereca pisca quando vejo um homem e uma mulher se beijando na televisão?”. A melhor atitude do professor é responder e encarar questionamentos desse tipo com naturalidade.

O educador precisa levar em consideração que o aluno não chega a escola leiga sobre a sexualidade, ela já traz no seu interior curiosidades, oriundas de comentários entre familiares e pelos meios de comunicação. É necessário saber a forma que essas informações foram absorvidas. Ao transmitir qualquer assunto, deve-se considerar a essência, por isso, é necessário cuidado ao se tratar de um tema tão delicado.

Não é tarefa fácil ser educador e educadora na sociedade a qual estamos inseridos, pois desde a educação familiar até a educação escolar, há limites a serem vencidos, pois a sociedade muitas vezes não pode expressar suas opiniões, principalmente sobre sexualidade. Como diz Camargo & Ribeiro(1999, p.41): “A estrutura social do mundo capitalista tem favorecido um controle cada vez maior, atingindo a

privacidade dos cidadãos e cidadãs, submetendo a sua vida íntima à opinião pública e expondo sua atividade sexual.”

Para obter sucesso na realização desse trabalho, o professor deve ter a consciência, segundo Camargo & Ribeiro (1999, p.134), que: “As crianças têm o direito de receber uma educação que considere seu desenvolvimento psicosssexual e, para tanto, a maneira de chegar até elas deve ser reconhecida pelos educadores e educadoras”. Sendo assim, o papel do professor é aprofundar sempre seus conhecimentos, firme em suas atitudes e expectativas de mudanças conceituais. Usar sempre uma metodologia eficaz que seja transformadora, com metas inovadoras, utilizando as tecnologias. Também deve levar em consideração as diversidades, é preciso lembrar sempre que cada mente humana é única e está disposto a enfrentar qualquer dificuldade que venha a existir.

CAPÍTULO III

PERCURSO METODOLÓGICO E ANÁLISE DE DADOS

3.1 Metodologia de Pesquisa: Estudo de Caso

Esta análise faz parte da pesquisa Orientação Sexual e Relações de Gênero: Um caminho para a conscientização, realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Ensino Fundamental Crispim Coelho, localizada na cidade de Cajazeiras-PB. A metodologia utilizada para a pesquisa será o estudo de caso, pois o mesmo trata-se de um método de investigação com caráter qualitativo, que permite uma análise profunda sobre o objeto de estudo. Segundo MATOS (2001, p.58): “ Utilizamos esse procedimento ao selecionarmos apenas um objeto de pesquisa, obtendo grande quantidade de informações sobre o caso escolhido e, conseqüentemente, aprofundando seus aspectos”.

Para que haja compreensão do que está sendo analisado é necessário a observação. A mesma é o ato de analisar e compreender tudo que seja considerado essencial para a pesquisa científica, sendo importante que se faça o registro de imediato para não ter possibilidades de esquecer nenhum dado importante. Para se obter eficácia na observação é preciso que se tenha um objetivo de pesquisa e também é necessário fazer o planejamento. Para MATOS (2001, p.59): “De forma genérica, a observação, mesmo quando não segue um rígido planejamento, possibilita o acesso direto à informação e ajuda em muitos casos na delimitação do problema e delineamento da pesquisa”.

A técnica de investigação utilizada será o questionário, que constará cinco questões claras e objetivas direcionadas ao gestor, aos professores e aos alunos da escola. O questionário tem por objetivo propiciar ao pesquisador informações essenciais e pode ser considerado um ótimo instrumento de diagnóstico enriquecedor da pesquisa

3.2 Caracterização da Escola

A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Crispim Coelho foi fundada no ano de 1963, na gestão municipal de Otacílio Jurema. É localizada na Rua Romualdo Rolim, nº 186, no Bairro São Francisco, na cidade de Cajazeiras, no Estado da Paraíba. Sua área territorial é de 129.57 metros quadrado de extensão e de 171.23 metros quadrado de amplitude.

O nome da escola foi escolhido em homenagem ao professor Crispim Coelho, natural da cidade de Cajazeiras-PB, nascido em 14 de março de 1872. após conclusão dos estudos na cidade de João Pessoa-PB, foi nomeado professor público no dia 07 de Maio de 1898. Exerceu sua nobre função até a aposentadoria, no cargo de professor e diretor interno do Grupo Escolar João Milanês. Este ilustre professor faleceu ao completar 103 anos vividos com muita dignidade.

A estrutura da escola é composta de cinco salas de aula, três banheiros, uma direção, um almoxarifado, uma sala de professores, uma cantina, duas caixas de água e um jardim.

Os recursos materiais existentes na escola são: 103 carteiras, 05 birôs, 04 estantes, 02 mapas, 10 cadeiras, 05 filtros, 01 geladeira, 01 mimiógrafo, 02 armários para arquivo, 08 ventiladores, 05 relógios, 02 bebedouros, 02 televisões, 01 antena parabólica, 02 botijões de gás, 01 vídeo cassete, 01 fichário, 01 rack, água encanada, energia elétrica, 50 DVDs educativos, 01 aparelho de DVD, 01 computador e uma impressora.

São modalidades de ensino da escola a Educação Infantil, o ensino Fundamental e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Nas três modalidades o número de pessoas do corpo docente é formada de 17, do corpo discente de 243 e do pessoal de apoio de 06 funcionários.

A entidade mantenedora da escola é a Secretaria de Educação, Cultura e Esporte. Segundo o Projeto Político Pedagógica da escola, sua metodologia de ensino é feita através de dez ações, das quais cada execução é distribuída em um cronograma anual. São elas: Participação ativa dos pais junto a escola; diminuir a evasão e

repetência; incentivo ao hábito da leitura; reorganização do processo ensino aprendizagem; formação continuada do professor; buscar parcerias com outras escolas, comércio, instituição pública, privada e/ou pessoa física; repensar o processo de avaliação; uso de tecnologias; assistência e atuação do Conselho Escolar e assistência e prestação de serviço de um psicólogo e um odontólogo.

As metas almejadas pela escola são: Executar as propostas contidas dentro do Projeto de Gestão; promover atividades que ajude a criança a formar-se psicologicamente, tornando-a cidadão ativo; realizar projetos que ajudem na integração escola/comunidade; reduzir o número de desistência e repetência escolar; providenciar para que os pais visitem mensalmente a escola e realizar atividades culturais, tendo em vista as datas comemorativas.

A elaboração do Projeto Político Pedagógico da escola tem a finalidade de executar ações que venham contribuir para o desenvolvimento dos trabalhos numa ação conjunta, garantindo assim a melhoria da qualidade do processo ensino aprendizagem nesta unidade escolar.

3.3 Análise dos dados do questionário do gestor

Nessa etapa da pesquisa, buscamos analisar os dados, obtidos por meio de um questionário, contendo cinco questões subjetivas direcionadas a gestão da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Crispim Coelho, localizada na cidade de Cajazeiras-PB. As mesmas foram elaboradas visando compreender a posição adotada pela escola sobre a temática Educação Sexual.

A primeira questão foi relacionada sobre o papel da escola no trabalho sobre Educação Sexual.

A gestora respondeu que a Educação Sexual era um tema que deveria ser inserido no currículo escolar, visto que o homem é um ser que tem sexo, e se não fosse orientado na escola, poderia ser por quem não tem competência para isso.

Percebemos que a gestora tem consciência da importância do tema, pois como diz CAMARGO & RIBEIRO (pág.50, 1999): "A Educação Sexual deve ser pensada não

como apêndice nas práticas educacionais, mas como integrante do currículo e da proposta de cada escola”.

A segunda questão indagava sobre as perspectivas de projetos a serem realizados sobre o tema.

Fomos informados de que não havia nenhum projeto específico voltado para o tema e de que os professores inseriam no seu planejamento de acordo com a necessidade.

Concluimos que mesmo consciente da relevância do tema, a escola não dá muita ênfase ao trabalho direcionado ao mesmo.

No entanto, sua resposta pode ser explicada por MEYER (pág.108, 2000), quando ela afirma que: “As demandas educacionais relativas à sexualidade dos alunos fazem parte do contexto escolar e, mesmo quando não planejado, pode surgir espaço para a Educação Sexual”.

A terceira questão referiu-se aos interesses dos pais para se trabalhar o tema na escola.

A gestora deixou claro que não havia nenhum interesse, pois os pais tinham a concepção de que o papel da escola era transmitir conhecimentos teóricos, embora haja exceções, os pais acreditam que os seus filhos possam entender de “forma errada”.

Podemos concluir que essa concepção dos pais é um fato lamentável, pois para que a escola obtenha êxito nesse trabalho o apoio dos pais é considerado imprescindível.

Assim como diz os PCN’S (pág.124, 2001): “...O diálogo entre escola e família deveria se dar de todas as formas pertinentes a essa relação”.

A quarta questão foi relacionada as maneiras que a escola contribuía no trabalho do professor.

Fomos informados que o professor tem o livre arbítrio para inserir no seu planejamento temas que considerem pertinentes para a educação dos estudantes e de que a escola apóia o professor com disponibilidade de material didático.

Concluimos que essa contribuição não é o suficiente para incentivar o professor a trabalhar a Orientação Sexual e que esse trabalho, assim como afirma os PCN’S

(pág.121, 2001): "...Constitui um processo formal e sistematizado que acontece dentro da instituição escolar, exige planejamento e propõe uma intervenção por parte dos profissionais da educação".

A quinta questão indagava se era importante a escola trabalhar o tema e pedia uma justificativa.

A gestora respondeu que considerava importante, porque a escola tinha competência para desenvolver esse trabalho, assim como se não o fizer, outros farão sem ter competência.

Percebemos que a gestão da escola dá muita ênfase ao tema.

A respeito disso, Camargo & Ribeiro, afirmam que:

Hoje, a discussão da necessidade da Educação Sexual na escola deveria estar superada, uma vez que as conseqüências da ausência de informações sobre a sexualidade podem ser claramente sentidas em nossa sociedade, em que a liberdade de expressão é exercida quase na sua totalidade e a sexualidade mostrada na televisão e em folhetins de forma fragmentada e frequentemente deturpada. Assim, é inconcebível que o tema não seja tratado de forma sistemática, consciente e responsável. (CAMARGO & RIBEIRO, pág.40, 2003).

De acordo com o desenvolvimento das cinco questões, concluímos que a gestão da escola é consciente da relevância de se trabalhar a temática na escola. No entanto, é preciso mais mobilização para realizar um trabalho, que deve ser sistematizado e planejado, visando garantir uma orientação sexual digna e colaborar na formação humana dos educandos.

3.4 Análise dos dados do questionário do professor

A análise abaixo foi feita através de levantamento de dados adquiridos por meio de um questionário contendo cinco questões subjetivas direcionadas a dois professores da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Crispim Coelho, localizada na cidade de Cajazeiras-PB. Buscamos compreender como os professores entendem a Educação Sexual e como o tema é trabalhado na sala de aula.

A primeira questão referiu-se a concepção do professor sobre o tema Educação Sexual.

Os dois professores responderam que tratava de um tema muito importante, pelo fato do alto índice de gravidez na adolescência e a presença de Doenças Sexualmente Transmissíveis nos dias atuais.

Concluimos que os professores desenvolveram a questão de forma limitada, pois a educação sexual pode ser compreendida num contexto bem mais amplo.

A segunda questão referiu-se a maneira que o tema era trabalhado na sala de aula.

O professor **A** respondeu que trabalhava através de diálogos, vídeos, livros e aulas expositivas.

Concluimos que a resposta não é verídica, pois a mesma afirmou numa conversa informal que não trabalhava sobre o tema na sala de aula.

O professor **B** respondeu que trabalhava através de aulas expositivas, que aproveitava o uso de algumas indagações dos alunos e os conhecimentos prévios relacionados ao tema.

Concluimos que o professor não faz um planejamento para dar aula sobre Educação Sexual. No entanto, Meyer (2000), diz que:

Apesar de não terem sido preparados para abordar as questões relativas à sexualidade que surgem na sala de aula, os professores acabam de uma maneira ou de outra, fazendo Educação Sexual. Às vezes, pelo simples fato de fazerem de conta que não ouviram uma pergunta mais "apimentada", ou de a responderem evasivamente, já estão ensinando algum conteúdo para o aluno. (MEYER, pág.108, 2000).

A terceira questão indagava se durante sua formação, o professor teve acesso a alguma orientação sobre o tema.

O professor **A** desenvolveu a questão apenas com uma afirmação.

O professor **B** respondeu que algumas vezes o tema foi abordado, mas que não teve oportunidade de estudar com mais profundidade.

Podemos concluir através da resposta do professor B, como todos já sabem, que os cursos de formação não dão a importância merecida ao tão complexo tema.

Em relação a essa questão, Meyer (2000) diz que:

Infelizmente os cursos de formação de professores não consideram a sexualidade como conteúdo “ensinável”, ou seja, parecem entender que professores e alunos conseguem se desvencilhar das suas sexualidades para irem à escola. Neste sentido, equivocadamente tratam a educação como se ela pudesse ser desvinculada da vida real, ou como se os indivíduos nela envolvidos fossem reduzíveis às suas funções cognitivas. O despreparo do professor para a educação de indivíduos considerados no seu todo tem dificultado o reconhecimento da sexualidade como conteúdo natural da educação (“natural” porque inerente à pessoa-professor e à pessoa-aluno). (MEYER, pág.107, 2000).

A quarta questão referiu-se as dificuldades de se trabalhar o tema com os alunos.

Os dois professores responderam que a maior dificuldade é a variedade de faixa etária dos alunos.

Concluimos que trata-se de uma dificuldade significativa, mas que é possível obter sucesso com o trabalho através de um bom planejamento.

Sobre essa questão, os PCNS (2001) diz que: “As manifestações de sexualidade afloram em todas as faixas etárias”.

A quinta questão referiu-se sobre a contribuição do professor para possibilitar a realização da abordagem sobre a Educação Sexual na sala de aula.

O professor **A** respondeu que contribuía sempre que surgia uma oportunidade através de uma conversa informal com os alunos.

O professor **B** respondeu que contribuía tentando conscientizar os alunos, visando evitar uma gravidez indesejada e as Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Concluimos que os dois professores deveriam se mobilizarem mais com a questão, tendo em vista, sua relevância na vida dos alunos.

Como diz Louro: “... A sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”. (LOURO, pág.81, 1997).

Podemos concluir que o professor **A**, não respondeu as questões com veracidade e não trabalha a temática na sala de aula e o professor **B**, mesmo sem planejar, trabalha a temática e contribui no processo de formação dos alunos através de informações relevantes sobre a sexualidade. Em síntese, percebemos que os dois professores não dão a relevância merecida ao tema

3.5 Análise dos dados do questionário dos alunos

A análise abaixo foi feita com base em respostas de 18 alunos do 5º Ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Crispim Coelho, localizada na cidade de Cajazeiras-PB, adquiridas por meio de um questionário contendo cinco questões subjetivas voltadas para o tema Educação Sexual.

A primeira questão indagava a concepção do aluno sobre Sexualidade.

Dezesseis alunos responderam que sexualidade era “reprodução, amor e liberdade”. Um respondeu que era “safadeza”.

Uma aluna de onze anos deu uma resposta como se já tivesse uma vida sexual ativa, com o seguinte desenvolvimento: “Na minha vida eu acho o sexo muito bom, uma vida amorosa é muito bom com uma pessoa sincera que assuma o filho, pode ir até para a cama sem camisinha”.

Compreendemos que a maioria das respostas dos alunos, foram baseadas em informações dadas pela professora, pelo fato da evidência das mesmas. Já a resposta da aluna de onze anos, podemos concluir que a mesma não tem informação suficiente sobre a temática, pois com essa concepção não vê o sexo de forma responsável e conseqüentemente corre o risco de adquirir uma Doença Sexualmente Transmissível.

A segunda questão perguntava se a escola trabalhava o tema Educação Sexual.

Os dezoito alunos responderam apenas com uma afirmação.

Concluimos que foram respostas objetivas, em conseqüência da questão ter a mesma característica. No entanto, devido a unanimidade das respostas podemos entender que todos têm interesses de aprender sobre o tema, até porque “...O sexo é parte da vida das pessoas (aliás, uma parte importante e muito boa) e é por essa razão que a escola e a família devem ajudar a construir nos pequenos uma visão sem mitos nem preconceitos”. (Revista NOVA ESCOLA, pág.22, 2006).

A terceira questão indagava de que forma a professora trabalhava o tema na sala de aula.

Sete alunos responderam que a professora ensinava a não ter uma iniciação precoce da vida sexual.

Seis alunos responderam que a professora ensinava como usar os métodos contraceptivos.

Cinco alunos responderam que a professora dava informações sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Concluimos que os alunos responderam a questão relatando os assuntos que a professora trabalhava na sala de aula. Não souberam responder qual era a metodologia utilizada durante as aulas como pedia a questão.

A quarta questão perguntava se o aluno considerava importante trabalhar o tema na sala de aula e pedia uma justificativa.

Os dezoito alunos responderam que sim. De modo geral, justificaram que seria muito interessante, pois ficariam bem informados sobre o tema.

Percebemos que os alunos são conscientes da relevância que o tema tem em suas vidas e tem suas curiosidades, o que facilita o trabalho do professor e da escola. Assim como diz os PCN'S (pág.113, 2001); "Sabe-se que as curiosidades das crianças a respeito da sexualidade são questões muito significativas para a subjetividade na medida em que se relacionam com o conhecimento das origens de cada um e com o desejo de saber...".

A quinta questão referiu-se aos temas que os alunos gostariam que os professores trabalhassem na sala de aula.

Quinze alunos responderam que gostariam que ensinasse sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis.

Dois responderam que gostariam de aprender sobre o uso da camisinha.

Apenas um respondeu que queria aprender sobre as transformações que acontecem no corpo.

Concluimos que os alunos têm curiosidades em diversos assuntos. No entanto, deram ênfase as DST por não saberem expor suas curiosidades.

Sobre os conteúdos de Orientação Sexual, os PCN'S (pág.138, 2001) diz que "eles podem e devem ser flexíveis, de forma a abranger as necessidades específicas de cada turma a cada momento".

Podemos concluir pela necessidade de serem trabalhados temas como gênero, homossexualidade, puberdade e não só a prevenção de doenças. O que leva aos

educandos, a vivenciarem uma sexualidade baseada no medo das doenças e não na vivência do prazer responsável.

3.6 Análise do Estágio

Nessa etapa da pesquisa, buscamos analisar o estágio realizado com uma turma de 20 alunos, com faixa etária entre 9 e 14 anos, do 5º ano da Escola Municipal de Educação Infantil e Fundamental Crispim Coelho, localizada na cidade de Cajazeiras-PB.

Na primeira semana de estágio, todos os dias as aulas eram iniciadas com a leitura de um texto reflexivo, com o objetivo de conscientizá-los sobre a importância do respeito pelo próximo, do que é ser verdadeiramente cidadão, sobre o amor, a amizade, entre outros temas. Foram trabalhados assuntos do livro didático, dando continuidade ao programa da professora. O tema sobre Orientação Sexual foi introduzido com a exposição de cartazes do Sistema Reprodutor Masculino e Feminino. Com isso, alguns alunos ficaram rindo e dizendo piadas com os colegas. Foi pedido a atenção da turma, argumentando que se tratava de um assunto sério. Felizmente houve colaboração da turma e foi realizado um trabalho introdutório muito significativo.

Na segunda semana de aula o que mais marcou foi o trabalho realizado com o livro paradidático intitulado Pinote, o fracote e Janjão, o fortão de Fernanda Lopes de Almeida e Alcy Linhares. Como a indisciplina estava presente e comprometia o êxito nas aulas, o livro trazia a estória de um menino que queria ser melhor que todos e sentia-se muito poderoso. Ao final, sentiu-se inútil, pois podia bater fisicamente em seus colegas, mas chegou a conclusão que não podia bater em seus pensamentos. Durante essa semana, ao trabalhar com os temas relacionados a sexualidade, todos os alunos, com exceção de dois, que consideraram a temática uma “besteira”, demonstraram interesse significativo para obter informações sobre o assunto tratado. Como em todas as aulas, havia um espaço para discussão, surgiam tipos de indagações, das quais poderemos concluir que alguns alunos já têm uma vida sexual ativa.

Na terceira semana do estágio, foi dado mais ênfase aos temas transversais relacionados ao meio ambiente, as drogas, a ética e a cidadania, com o objetivo de ajudar a turma a ter consciência de quais são os seus direitos e deveres na sociedade. Esse trabalho foi realizado com a exposição de vídeos da TV Escola, elaborado pelo Ministério da Educação em parceria com a Secretaria da Educação à Distância. Também trabalhamos a questão da homossexualidade, através da música Robôcop Gay, interpretada pelo grupo Mamonas Assassinas. Quando estávamos ouvindo a música, alguns ficavam dizendo piadas com os amigos, apontando os "veados" (expressão usada pelos alunos), da turma. A partir desse ocorrido, podemos constatar como o preconceito era visível em todos. A discussão foi iniciada dando destaque ao trecho da música onde diz "Abra sua mente, gay também é gente". Foi aberto um debate objetivando conscientizá-los que o preconceito é considerado um crime e que todos devem respeitar o próximo, independente de sua opção sexual e que ser um cidadão ético, reforçando os assuntos trabalhados anteriormente, é aceitar e respeitar as diferenças do outro.

A quarta semana do estágio foi feito um aviso aos alunos de que todos os dias seriam trabalhados temas sobre Orientação Sexual. A grande maioria da turma demonstrou interesse e disseram que não faltariam nenhum dia. De fato, o trabalho aconteceu e o comprometimento da turma também foi confirmado. Durante a exposição dos temas, entre eles, as Doenças Sexualmente Transmissíveis, surgiam inúmeras indagações, que seria necessário um especialista pra esclarecê-las. Por esse motivo, foi marcada uma palestra com o Dr. Oscar Sobral.

Podemos concluir a importância do estágio para fortalecer os saberes docentes. Assim como podemos constatar o baixo nível de escolaridade dos educandos, através do diagnóstico de que a grande maioria da turma só sabe escrever corretamente seu próprio nome. Em síntese, podemos dizer que obtivemos êxito nos objetivos almejados, tendo em vista, o interesse dos alunos em adquirir informações sobre a Orientação Sexual e a contribuição que deixamos ao esclarecer suas dúvidas e curiosidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise da pesquisa, podemos concluir que a sexualidade ainda está atrelada a estereótipos no âmbito educacional e familiar, fortalecendo assim a necessidade de incluir a temática nos currículos escolares.

Sabemos que o ato de educar sexualmente as crianças é papel da família e da escola. No entanto, a família muitas das vezes adota uma posição preconceituosa ou até mesmo apresenta despreparo, no sentido de saber como e quando começar a falar com os seus filhos, transmitindo assim toda a responsabilidade para a escola.

A escola, enquanto instituição social, responsável pela formação integral dos alunos, deve ter a responsabilidade (que deveria tornar-se obrigatoriedade), de realizar um trabalho visando conscientizá-los da importância da sexualidade em suas vidas, assim como buscar amenizar os preconceitos existentes relacionados as relações de gênero.

Considerando a relevância da sexualidade na vida de todo ser humano, é importante ressaltar que trata-se de um tema complexo, principalmente quando este deve ser trabalhado com crianças. Por essa razão, a grade curricular dos cursos superiores de formação de professores, deveria ser analisada para dá a ênfase necessária para que os mesmos ao concluírem seus cursos, compartilhassem conhecimentos necessários que contribuíssem para atuar de forma significativa, com competência e preparação no processo ensino-aprendizagem.

Já que a Orientação Sexual trata-se de um tema transversal adotado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais, do Ministério da Educação do Brasil, onde o professor não é obrigado a trabalhá-lo, deve-se haver conscientização por parte de toda a comunidade escolar, da importância que o tema traz para a vida das crianças. Sendo assim, é inadmissível que a escola não organize um trabalho sistemático e organizado sobre a temática, haja vista que trata-se de um assunto que desperta o interesse dos alunos de forma significativa.

A partir da necessidade de satisfazer as curiosidades dos alunos na descoberta de sua sexualidade, cabe a escola tentar desvincular a temática dos preconceitos e

tabus. A importância que o tema Orientação Sexual traz para a formação integral dos alunos é inquestionável, tendo em vista que a realização desse trabalho nas escolas só vem a contribuir, no sentido de sensibilizar as crianças que a sexualidade deve ser encarada de forma respeitosa, que seu exercício deve ser de maneira mais saudável e prazerosa possível, assim como contribuirá na construção de seus próprios conceitos, enfatizando sempre a necessidade do respeito por si mesmo e pelo próximo em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

- BOLSANELLO, Aurélio. **Enciclopédia Pedagógica da Educação Sexual: A sexologia sem preconceito – Os filhos.** 14ª ed. Curitiba-Paraná: Editora Educacional Brasileira, 1981.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN: Pluralidade Cultural e Orientação Sexual.** V.10. 3ª ed. Brasília: 2001.
- BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo de Psicologia.** São Paulo: Ed. Saraiva, 1999.
- CAFÉ, Sônia; VILLARES, Maria Raquel Santilli; SOUSA, Walter de. **O que é mesmo a sexualidade?** São Paulo: Ed. Cultrix, 1996.
- CEARÁ, Governo do Estado. Secretaria do Trabalho e Ação Social. **Projeto Amor à Vida.** Manual do Multiplicador: Gênero, Advocacy e Família. Fortaleza: 1997.
- COSTA, Ana Rita Firmino; *et al.* **Orientações Metodológicas para a produção de trabalhos Acadêmicos.** Maceió-Al: Ed. Edufol, 2002.
- CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. RIBEIRO, Cláudia. **Sexualidade(s) e infância(s): A sexualidade como um tema transversal.** Campinas-SP: Ed. Moderna, 1999.
- GENTILE, Paola. **Educação Sexual: Eles querem falar de sexo.** Revista Nova Escola. V. 101. P.22-29. Abril/2006.
- GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. **Educação Sexual: Uma proposta, um desafio.** 4ª ed. São Paulo: Ed. Cortez, 1988.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, Sexualidade e Educação: Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 1997.
- MEYER, Dagmar E. Estermann. **Saúde e Sexualidade na Escola.** 2ª edição. Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.
- SUPLICY, Marta. **Sexo se Aprende na escola.** São Paulo: Editora Olho D'Água. 2000.
- TELES, Maria Luiza Silveira. **Psicodinâmica do desenvolvimento humano.** 9ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2001.
- TOSCANO, Moema. **Estereótipos sexuais na educação: Um manual para o educador.** Petrópolis-RJ: Ed. Vozes, 2000.

ANEXOS

Prezado gestor.

Com a finalidade de construção de um trabalho acadêmico, denominado Monografia, considerado indispensável para o estágio em docência do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus V de Cajazeiras-PB, venho por meio desta, solicitar sua colaboração, que se dará através de respostas ao questionário que se segue.

É importante ressaltar que sua ajuda é extremamente importante e que seu nome será mantido em absoluto sigilo.

Grata pela compreensão.

Girlene Avelino

NOME: _____
ESCOLA: _____
FORMAÇÃO: _____
TEMPO DE ATUAÇÃO COMO GESTOR: _____
FORMA DE INGRESSO NA ESCOLA: _____

QUESTIONÁRIO

01. Na sua opinião, qual o papel da escola no trabalho sobre Educação Sexual?

02. Quais as perspectivas de projetos a serem realizadas sobre o tema?

03. Há interesses por parte dos pais para se trabalhar o tema? Justifique sua resposta.

04. De que maneira a escola contribui no trabalho do professor?

05. Você considera importante que a escola trabalhe sobre o tema? Justifique.

Caro professor.

Solicito gentilmente que responda o questionário abaixo. O mesmo refere-se a uma pesquisa monográfica, considerada um requisito indispensável para o estágio em docência do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus V de Cajazeiras-PB.

Vale ressaltar que suas informações serão utilizadas para análise da pesquisa. Entretanto, seu nome será mantido em absoluto sigilo.

Grata pela compreensão.

Girlene Avelino

NOME: _____

ESCOLA: _____

FORMAÇÃO PROFISSIONAL: _____

SÉRIE QUE LECIONA: _____

INGRESSO NA ESCOLA: _____

QUESTIONÁRIO

01. Qual a sua concepção sobre Educação Sexual?

02. Como você trabalha o tema na sala de aula?

03. Você teve acesso a alguma orientação sobre o tema durante sua formação?

04. Na sua opinião, quais as dificuldades de se trabalhar sobre o tema sexualidade com os alunos?

05. Qual a sua contribuição, enquanto docente, para possibilitar a realização da abordagem sobre a Educação Sexual na sala de aula?

Caro aluno.

Gostaria que você contribuísse com uma pesquisa acadêmica do curso de Pedagogia, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus V de Cajazeiras-PB. Você ajudará, respondendo o questionário abaixo.

A sua compreensão é indispensável na minha pesquisa. Quero esclarecer que suas informações servirão para análise e que seu nome será mantido em absoluto sigilo.

Grata pela compreensão.

Girlene Avelino

NOME: _____
IDADE: _____
SÉRIE: _____
ESCOLA: _____

QUESTIONÁRIO

01. O que você entende sobre o tema sexualidade?

02. A sua escola trabalha sobre a Educação Sexual?

03. Como a professora trabalha sobre o tema na sala de aula?

04. Você considera interessante a escola abordar esse tema? Por quê?

05. Que temas sobre sexualidade você gostaria que seus professores trabalhassem em sala de aula?

Fotos da palestra ministrada por Dr. Oscar Sobral



Fotos do Estagio

